

Expo Geek Brasil Saiba como foi o evento

> Voltando para Hogwarts

Despreocupação em Doses

Conto por B. Craus Nantai

## **Autores**

Sandro J Erzinger Ana F. Ferrari Morphine Epiphany Ayumi Teruya

# Equipe

#### Editora-chefe

Mayara Barros

#### Conselho Editorial

Claudia Bianco Marina Brandão Mayara Barros Vitória Pratini

#### Projeto Gráfico

Claudia Bianco Marcelle Andrade Mayara Barros Victor Vicente Vitória Pratini

#### **Jornalistas**

Claudia Bianco Marina Brandão Mayara Barros Vitória Pratini

#### **Colunistas**

B. Craus Nantai

#### Capa

Sophia Valkova

#### Revisão

Claudia Bianco

#### **Contato**

contato@revistavessa.com www.revistavessa.com

Fone: (21) 992335745 Facebook: /revistavessa Twitter: @RevistaAvessa A revista Avessa é uma iniciativa independente de graduandos do curso de Jornalismo da UERJ. Os textos divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não necessariamente refletem a opinião da revista. Não é permitida a reprodução dos artigos e textos aqui publicados.

## Editorial

Foi difícil, mas aqui estamos. Mais uma edição. A décima. São quase dois anos fazendo esse trabalho e fico emocionada de ver o quanto já percorremos. Ainda há muito o que fazer, mas sei que juntos chegamos lá. A nossa equipe tem planos para o futuro que esperamos poder compartilhar logo com todos vocês.

Quero agradecer a paciência. Às vezes, os equipamentos nos falham e tudo que podemos fazer é adiar o resultado de tanto trabalho e carinho. Não é nunca uma opção ideal, mas por vezes é a única opção e foi isso que aconteceu dessa vez. Não vou entrar em detalhes para não lhes entediar.

Espero que aproveitem os textos que aqui se encontram. Foi um tema difícil e vocês encararam o desafio de frente, parabéns a todos! E parabéns aqueles que não conseguiram estar aqui, sua coragem não será esquecida.

Tenham uma boa leitura e até a próxima.



5 Sandro J Erzinger

### Mundi

6 prosa

Ana F. Ferrari

Carolyn

Doses

17 artigo

Expo Geek Brasil

Mayara Barros

**21** 

Despreocupação em

B. Craus Nantai

## Voltando para Hogwarts Vitória Pratini Artigo Vitória Pratini

Sonne: os devoradores

Morphine Epiphany

Morphine Epiphany

Humanidade

Ayumi Teruya 🧸

## Mundi

Gaiolas de concreto Aprisionam sonhos

Sob a vigília Do anjo opressor O amor sucumbe

Lá...

A esperança imberbe Olha entre frestas O açoite aos sonhos

Bandeiras algozes Tremulam Sobre o ventre Da esperança natimorta

Nos muros em grafito cores esmaecidas Oprimem A arquejante paz No mundo antiutópico

#### Sandro J Erzinger

sjerzinger@yahoo.com.br

Natural da cidade de Joinville, Santa Catarina, escreve poesias e contos. Integrou o grupo de poetas Zaragata; possui antologias de âmbito nacional e internacional, é sócio-fundador da Academia de Letras de Itapoá. Autor do livro de poesias *Solos de Pedra*, patrocinado pelo SIMDEC.

# Carolyn

- Carolyn, acorda! era a terceira vez que ele me chamava, mas eu não conseguia evitar cair no sono, era muito cedo.
- O que eu fiz para você? perguntei meio que resmungando, sem estar muito acordada ainda.
- Você vai perder o nascer do sol! ele falou e era impossível não perceber pelo seu tom de voz o quanto ele estava empolgado.
- Ruben, a gente não consegue ver, que diferença faz? perguntei apontando o óbvio, apoiando minha cabeça no ombro dele.
- Mas nós podemos sentir! ele respondeu, me fazendo sorrir. Era por isso que eu gostava tanto dele, nem mesmo a falta de visão o fazia parar de ver como as coisas eram bonitas.
- Não acredito que você me fez quebrar as regras para isso... – disse, lembrando que logo mais teríamos que voltar para nossas casas e torcer para que ninguém percebesse nossa ausência.
- Você sabe o que eu penso das regras... ele falou parecendo incomodado, eu sabia que ele estava pensando que eu sempre estragava os melhores momentos.
- E você sabe que não importa o que você pensa se o Conselho não concordar...
   falei não porque queria ser chata, mas porque queria reforçar aquela ideia.
- Então eu vou entrar no Conselho. ele disse e a determinação era perceptível em sua voz. Já faz muito tempo que tudo é o mesmo, e isso não pode continuar.

Quando há 500 anos nossos ancestrais começaram a ficar cegos, demorou muito tempo até que se encontrasse alguma explicação biológica, e quando descobriram, já era tarde de mais. Foi um médico japonês que primeiro percebeu que algo de estranho estava acontecendo com os recém-nascidos, em menos de 10 anos mais da metade das crianças tinham nascido cegas e as outras ao chegarem aos cinco anos de idade tinham o mesmo destino. Demorou cinquenta anos para que descobris

### **Ana F. Ferrari** a.fferrari@hotmail.com

Entre estar em relacionamentos sérios com personagens fictícios, sonhar com a minha vida se tornando um musical e ser uma princesa da Disney que viaja no tempo, eu encontro tempo para escrever as histórias que eu gostaria que existissem.

sem a origem dessa causalidade, e só porque a situação começou a aparecer ao redor de todo o mundo, gerando um pânico global. O que ninguém percebeu na época é que excesso de estímulos visuais tinha chegado a um ponto tão ridículo que o próprio corpo humano estava se protegendo contra ele, criando uma proteção nos olhos para filtrar toda a radiação.

Lentamente a população mundial foi caindo no escuro, primeiro foram os moradores das grandes metrópoles, os mais expostos a todos os estímulos, mas então os moradores de áreas mais distantes tiveram que ir verificar o que estava acontecendo e assim foi ocorrendo uma grande reação em cadeia, até que mesmo os povos isolados acabaram sendo envolvidos e então afetados. Nós conhecemos essa época como a hora negra, não só por causa da doença, mas também por todos os abusos cometidos, em um mundo pego de surpresa pela escuridão eterna, os que ainda viam a luz se aproveitavam de todas as maneiras possíveis, até eles mesmos deixarem de enxergar.

E então veio o silêncio.

Hoje estima-se que a população mundial tenha sido reduzida drasticamente, foram décadas até que aprendêssemos a viver no escuro, e muitos morreram no processo. Eu não conheço nada além do grupo onde vivo, e nós vivemos há décadas já em um sistema elaborado para a nossa sobrevivência, cada um possuí seu trabalho e contribuí para nossa pequena sociedade da forma como pode, o grupo precisa trabalhar junto para conseguir sobreviver.

As nossas tradições dizem que tudo isso aconteceu por intervenção divina, algum ser mais poderoso que nós tirou nossa visão para que pudéssemos enxergar com os nossos corações, pois éramos mesquinhos e gananciosos. Meu pai não acredita muito nessa teoria, ele diz que nossa condição era resultado dos nossos atos e que tínhamos que assumir nossas responsabilidades, Ruben concordava com essa ideia e por isso queria tanto entrar no Conselho, acreditar que estamos sofrendo uma punição divina, fez nossa sociedade ficar parada no tempo por anos, e ninguém quer mudar a ordem das coisas agora que conseguimos nos organizar, mas isso nos impede de ir em frente, de construir coisas novas e de talvez encontrar uma cura.

A verdade é que todos têm medo de que um dia a humanidade volte a enxergar e todas as coisas horríveis voltem a acontecer, e por isso continuam fugindo de tudo o que seja diferente daquilo que há anos foi estabelecido.

E é por isso que ninguém pode saber que eu consigo enxergar.

- Carolyn meu pai falou calmamente tomando um gole do seu chá matutino enquanto eu tentava passar despercebida.
- Pai! Como você sabia? perguntei me sentando na cadeira vaga do outro lado da mesa, desanimada.
- Você respira muito alto. ele disse com um pequeno sorriso, enquanto eu me servia de chá e biscoitos, frustrada. - E nós já falamos sobre isso, você não deve tirar o seu sinalizador, independente da sua condição.
- Eu sei pai. respondi pelo que devia ser a centésima vez, revirando meus olhos. "Minha condição" era a forma como ele se referia ao fato de eu conseguir enxergar, minha mãe tinha morrido por complicações na hora do parto e ele tinha cuidado de mim sozinho desde então - imagine a surpresa quando eu comecei a falar e perguntar o que eram as coisas ao meu redor? Não demorou para ele perceber que eu era diferente, e o diferente era algo muito perigoso.
- Vamos, preciso chegar cedo para arrumar as coisas para a reunião do Conselho. – ele disse enquanto lavávamos nossa louça, eu não respondi nada. Ele não parecia ter percebido que eu tinha saído no meio da noite, e se tinha percebido ele não parecia querer falar no assunto, então apenas fui para meu quarto pegar meu sinalizador, outra regra que eu e Ruben costumávamos quebrar.

Encontrei meu pai na porta de casa e antes de sairmos ele balançou seu sinalizador três vezes - como ditava a regra, você precisava anunciar que estava saindo de casa caso alguém estivesse andando por ai, ou precisasse falar com você.

- Um, dois, três, quatro... eu comecei a contar conforme andávamos, um costume infantil, mas que eu gostava. Quando pequenos nós aprendíamos a contar nossos passos até chegar aos nossos destinos para aprendermos noção de distância, e como qualquer nova construção era proibida, depois de um tempo era possível chegar a qualquer lugar com exata precisão.
- Carolyn, por favor, você já está grande o suficiente para esse jogo - meu pai disse me censurando e eu deixei para contar apenas mentalmente. Ele não costumava ser tão rabugento, mas eu sabia que as coisas no trabalho estavam estranhas, apesar dele não me dizer o que estava acontecendo.

Conforme as regras da nossa comunidade, nós éramos instruídos em grupos nas escolas desde os quatro anos, aos 10 nós podíamos acompanhar nossos pais no trabalho pelo menos uma vez por semana, e a partir dos 16 nós os acompanhávamos todos os dias, até que aos 19 nós assumíamos seus cargos e eles ficavam em casa cuidando das crianças menores. Meu pai trabalhava como secretário do Conselho e dessa forma ele tinha acesso a várias fontes de informação sobre as épocas antigas, inclusive a áudios que continham toda a nossa história.

Quando pequena eu tinha passado muitas tardes ouvido os áudios e procurando mais informações nos lugares proibidos, tinha sido assim que eu tinha encontrado um projetor e descoberto que os áudios eram partes de vídeos, e tinha encontrado livros que não estavam em braile e que possuíam novas informações. Eu tinha aprendido a ler sozinha e já tinha me aprimorado, por isso enquanto todos estavam ocupados eu me aventurava pelas partes perigosas da cidade atrás de mais livros.

Era exatamente isso que eu tinha planejado fazer aquele dia, eu iria acompanhar meu pai até a sala dele e então diria que iria passear pelos corredores, se alguém por acaso me encontrasse, eu só precisava dizer que tinha me perdido e eles me ajudariam a encontrar a sala do meu pai novamente. Mas quando chegamos no prédio do Conselho aquela manhã eu sabia que alguma coisa estava errada, eu podia ver no rosto das pessoas que algo parecia preocupá-los, ninguém se preocupava com expressão facial, eles não tinham por que se preocupar, mas eu tinha lido alguns livros sobre linguagem corporal e a dos membros do Conselho não indicavam coisas boas.

- Pai, sobre o que é a reunião hoje? perguntei quando chegamos em um corredor vazio.
- É um assunto de emergência, eles não informaram sobre
  o quê. ele respondeu sem me tranquilizar.
- Eu vou dar uma volta por ai então, tudo bem? falei quando chegamos na sala dele, era uma sala pequena apenas com uma mesa e uma cadeira.
- Tome cuidado! ele falou, mas eu já tinha começado a me afastar, eu tirei meu sinalizador e guardei no bolso e comecei a seguir em direção a uma parte afastada do prédio. Eu tinha encontrado aquela sala alguns meses atrás, ela devia ser algum tipo de sala de segurança antigamente, e depois de algum trabalho e com muita ajuda do manual, que eu tinha encontrado nos

armários, eu tinha conseguido fazer as câmeras funcionarem e os monitores também, eu nunca os tinha usado, mas aquela parecia ser uma ótima primeira vez.

A sala era pequena e era tão coberta de poeira que era visível quais eram os lugares onde eu já tinha encostado e quais eu nunca tinha me preocupado em limpar. Puxei a cadeira e apertei o botão que inicializava os programas e esperei as telas se acenderem. Eu podia ver em preto e branco a sala de reuniões e o corredor que dava para sala do meu pai, também conseguia ver a entrada e o corredor principal. Quando as imagens focalizaram eu vi o Conselho na sala de reunião, quatro homens e três mulheres responsáveis por encontrar soluções para as questões da nossa comunidade.

- Senhoras e senhores, hoje nos reunimos para discutir um assunto de grande gravidade: a segurança de nossa comunidade. o conselheiro que estava sentado na ponta da mesa, Brian, falou primeiro. Ottis, por favor...
- Nossas antenas captaram essa mensagem na manhã de ontem – Ottis, outro conselheiro, falou, apertando em seguida um botão do rádio que ele segurava entre as mãos.
- "Saudações a todos a quem essa mensagem chegar, nós somos a tribo Alias, nós estamos localizados na antiga Capital Paulista, e acreditamos que o fim da escuridão se aproxima! Está na hora de nos unirmos e criarmos novos caminhos para um novo mundo de luz! "

A voz da mensagem era feminina e firme, não parecia com nenhuma brincadeira, o que me deixou muito surpresa, mas pela reação dos conselheiros eu tinha certeza que eles já esperavam isso.

- O resto da mensagem são instruções de como encontrá
   -los. Ottis concluiu, desligando o aparelho.
- Essa já é a terceira mensagem que recebemos nesse teor – Brian falou, e seu tom de voz era grave. – Mas dessa vez, há uma leve diferença, a mensagem foi propositalmente direcionada em nosso sentido, como se eles soubesse que aqui alguém iria escutar...
- Isso não é possível, todos os canais de comunicação estão cortados, o único acesso ao rádio é nosso. uma das Conselheiras, Alna, falou. E só nós conhecemos o caminho até ele.
- Mais uma pessoa conhece... Ottis falou e eu senti um frio passar pela minha espinha quando eu entendi qual era o ra

ciocínio deles.

- Vany, pode trazê-lo. eu escutei Brian dizer, e então uma mulher se levantou e saiu da sala, eu a vi percorrer os corredores e andar até a sala do meu pai e aquilo me deixou nervosa.
- Otavian, você sabe por que foi chamado? um outro homem, Leon, falou assim que meu pai e a mulher entraram na sala.
- Não, senhor. eu vi meu pai se virar para a direção de onde vinha a voz que falava com ele, ele não parecia nervoso.
- Ontem nós recebemos uma nova mensagem de pessoas de fora de nossa comunidade, você sabia disso?
   Leon questionou.
- Sim, eu estava presente auxiliando o Conselheiro Ottis. meu pai respondeu e eu fiquei surpresa com a resposta.
- Você sabe o conteúdo da mensagem?
   Vany, que ainda estava ao lado dele, perguntou.
- Sim, como eu disse, eu estava junto do Conselheiro. ele respondeu, ainda tranquilo.
- Otavian, nós temos motivos para acreditar que essa mensagem foi direcionada para nós, como se eles soubessem de nossa presença. Ottis falou e eu vi Brian se levantar.
- E isso nos fez pensar por que alguém teria interesse em avisar outras comunidades da nossa existência, quem dentre todos nós teria motivação para trair nossos costumes dessa forma. Brian falou, andando de um lado para outro em passos firmes. E então lembramos, quem entre nós já quebrou nossos costumes antes...
- Não entendo o que você está querendo dizer. meu pai perguntou e eu sabia que ele estava tentando se controlar, o tom de voz de uma pessoa dizia muito sobre como ela se sentia, era preciso muito autocontrole para não se entregar dessa forma.
- Há dezoito anos um acordo foi feito, um acordo que garantiria a segurança do nosso futuro.
   Alna falou.
   Você lembra?
- Não teria como esquecer, parte do acordo significou a morte da minha esposa. – ele respondeu no mesmo tom de voz tranquilo, enquanto eu sentia o ar me faltar. Durante toda minha vida me disseram que minha mãe tinha morrido durante o parto, o que, infelizmente, não era muito raro de acontecer, então escutar aquelas palavras saindo da boca do meu próprio pai

tinha sido quase como receber um tapa na cara.

- A morte de Mariane foi um pequeno sacrifício para garantir o futuro de todos nós. Alna respondeu e eu precisei levantar da cadeira porque já não conseguia mais ficar sentada. Nós poupamos a sua filha, pois não podíamos provar que ela sofria da mesma condição que a mãe, mas agora não sabemos mais se esse é o caso.
- Houve denúncias... Sue, que tinha estado em silêncio até agora, falou e meu pai ficou em silêncio. Eu precisei me sentar de novo. Como aquilo era possível? Quem teria percebido? Eu sempre tomava cuidado extra para ver quem estava a minha volta, para não desviar de todos os obstáculos, para não fazer comentários sem sentido, eu me esforçava ao máximo para não parecer diferente dos outros.
- Otavian, temos motivos para acreditar que sua filha possui as mesmas condições que a mãe dela e precisaremos realizar testes para verificar essa teoria.
   Daryl, que estava ao lado de Sue, completou.
- Que tipo de testes? meu pai perguntou e eu estava tão focada em seu rosto que não vi o que acontecia em volta, eu não vi que os passos de Brian tinham ficado mais baixos, e não vi Vany levantar e se afastar de meu pai, duvido que meu pai tenha percebido também, ele parecia muito envolvido na conversa, e era esse o objetivo deles. Só quando escutei o barulho de uma pancada e vi meu pai pender para cima da mesa que eu entendi o que tinha acontecido.
- Isso era realmente necessário? Alna perguntou, ela estava sentada do outro lado da mesa com a cabeça virada para cima, como se precisasse desviar o olhar da poça de sangue formada em cima da mesa de reuniões.
- Ele era um traidor, não temos como saber o tamanho do estrago que ele fez, e na pior das hipóteses, a menina possui metade dos genes dele, não podíamos arriscar. Vany falou, mas seu rosto expressava seu desconforto com a situação.

Eu ainda estava olhando para a imagem imóvel do meu pai na mesa, eu queria gritar, mas não tinha voz, eu queria ir até lá e abraçá-lo uma última vez, mas eu sabia que não podia, eu não precisava ouvir mais nada, muito menos ver, para saber qual seria o próximo passo, eles não iriam me testar, o risco era muito grande, seria mais fácil sumirem comigo, igual fizeram com a minha mãe e igual fizeram com meu pai, um sacrifício pequeno

em troca de um bem maior. Eu não tinha outra escolha a não ser sumir por conta própria.

Eu conhecia uma saída do prédio que não envolvia passar pela porta principal, e precisei de muita coragem para tirar os olhos da tela e sair daquela sala, mas quando cheguei na rua não pensei duas vezes antes de sair correndo pela cidade, eu não tinha mais que me preocupar com o fato de que correr não fazia parte dos costumes por ser muito perigoso, de repente, todos os costumes é que eram perigosos para mim. Eu não conseguia tirar a imagem do meu pai caído sem vida da minha cabeça, e as lágrimas caiam indiscriminadamente pelo meu rosto.

Quando entrei em casa precisei me apoiar alguns instantes na mesa da sala, a mesma mesa na qual horas atrás nós tínhamos tomado nosso café. Eu sabia que havia riscos, sendo da forma como eu era, mas nós tínhamos um sistema e ele funcionava, "nunca conte para ninguém e estaremos seguros" meu pai tinha dito e eu obedeci desde pequena. Agora não adiantava mais. Nossa sociedade pregava a solidariedade e o trabalho em equipe, mas só se você fosse o que eles esperavam que você fosse.

– Eu preciso sair daqui. – falei, sentindo que mais alguns minutos ali dentro e eu iria vomitar. Peguei minha mochila e juntei o máximo de coisas que pude pensar, alguns dos meus livros favoritos que eu escondia debaixo da cama, algumas peças de roupas e uns pacotes de bolacha que ainda tínhamos no armário. Antes de ir embora deixei meu sinalizador em cima da mesa e peguei o casaco comprido do meu pai, ele não me servia direito, mas tinha o cheiro dele.

Eu só precisava de mais uma parada: Ruben.

Não tinha sido fácil crescer fingindo que não enxergava, eu tinha que estar sempre atenta e sempre me controlando e isso me fazia parecer mais atrapalhada e esquisita que outras crianças, até eu conhecer o Ruben. Ele era um ano mais velho que eu, mas um dia nós sentamos lado a lado no almoço da escola e ele me disse que tinha dificuldades na escola porque ele não escutava tão bem, e que talvez esse fosse meu problema também. Eu concordei, gostando de me sentir um pouco mais incluída, ter problema de audição era um problema com o qual todo mundo simpatizava, diferente de enxergar.

Nós nos tornamos amigos inseparáveis desde então. Até agora. Eu sabia que o que eu precisava fazer eu teria que fazer

sozinha, seria muito arriscado para Ruben ir comigo, por mais que meu coração começasse a doer só de pensar em me despedir dele.

- Chegou cedo! ele falou assim que abri a porta. Ele não precisou voltar para casa e ir trabalhar porque era seu dia de folga, e não duvido que ele tenha passado todo o tempo sentado no mesmo lugar onde tínhamos estado aquela manhã, ele adorava aquele lugar.
- Ruben, eu preciso falar com você. falei sem enrolar, me sentando na frente dele e pegando sua mão para ele saber onde eu estava. Nosso esconderijo ficava no quinto andar de um prédio abandonado e os lances de escada tinham me deixado ofegante.
- Carolyn, o que aconteceu? ele perguntou, passando a mão pelo meu rosto, eu sempre gostei da forma como ele me tocava, era gentil e delicado. – Você está chorando?
- Ruben, eu tenho um segredo que eu nunca contei para ninguém – falei, sentindo as lágrimas voltarem a cair, eu estava uma confusão de sentimentos e não sabia como lidar. – Mas agora não importa mais.
- Carolyn, o que está acontecendo, por que você está assim?
   ele perguntou, mas eu balancei a cabeça negando, levando a mão dele comigo.
- Me escuta, você se lembra de quando éramos pequenos e íamos mal na escola e você disse que tinha um problema de audição e que eu também devia ter? – perguntei, e ele tirou a mão do meu rosto e as colocou sobre as minhas.
- Lembro. ele disse sério e eu respirei fundo algumas vezes.
- Não era verdade, o meu problema nunca foi de audição, meu problema é... eu pausei por alguns instantes, olhando para nossas mãos. Eu sabia que aquilo poderia significar o fim da nossa amizade, mas seria minha única chance. Meu problema é que eu consigo enxergar.
- Eu sei. ele disse logo em seguida e eu levantei o rosto assustada e vi que ele sorria.
- Como assim, você sabe? perguntei, sentindo minha voz falhar.
- Carolyn, eu te conheço tão bem quanto a palma da minha mão.
  – ele falou, segurando firmemente minhas mãos.
  – Eu sei já há alguns anos, mas achei que seria melhor esperar você estar

pronta para me contar.

- Mas... eu não sabia o que falar, por um lado me sentia aliviada de ter meu amigo ali, como sempre foi, enquanto por outro lado eu sabia que ir embora seria muito mais difícil agora.
- Escuta, eu sei o que todo mundo fala... Eles querem que a gente acredite que não enxergar é uma benção, mas para mim isso não passa de uma besteira. Você é a prova de que as coisas podem mudar e elas devem mudar. ele falou enquanto entrelaçava nossos dedos. Carolyn, você é um milagre.
- Eu queria que o Conselho pensasse assim. falei, deixando a minha dor se expressar naquelas palavras.
- O que aconteceu? ele perguntou, e eu senti um nó se formar na minha garganta.
- Eu preciso ir embora. falei porque n\u00e3o tinha condi\u00e7\u00f3es
   de contar o que tinha acontecido aquela manh\u00e3.
- Não, você não precisa. ele apertou minha mão e eu soube que aquilo era tão difícil para ele quanto era para mim
- Eu não tenho escolha, o Conselho está atrás de mim as palavras morreram ali, mas eu sabia que ele tinha entendido. Ruben, eu não iria se eu tivesse outra escolha. ele continuou em silêncio, sua cabeça estava baixa e eu tentei gravar na memória todos os detalhes dele, o cabelo enrolado e escuro, os olhos esbranquiçados iguais ao dos outros, mas redondos e com cílios longos, os lábios vermelhos e a pele queimada do sol.
- Eu tenho um segredo também. ele falou depois de minutos de silêncio, me deixando curiosa.
- Qual segredo? perguntei e ele soltou minha mão e a colocou no meu rosto novamente, mas ele não parecia que iria falar. – Ruben?

Então ele aproximou seu rosto do meu, me puxando levemente para frente e colando nossos lábios juntos, eu fechei meus olhos em reflexo e me deixei ser conduzida pelos lábios dele. Eu sabia que não tinha meus outros sentidos tão aguçados como os dele, mas eu conseguia sentir o calor do seu corpo perto do meu, o seu perfume cítrico e suave e seu toque firme, mas carinhoso.

- Eu te amo. ele falou baixo entre meus lábios e sua voz parecia embriagada. Nós nunca tínhamos nos beijado daquela forma, e apesar de eu já ter imaginado como seria, eu nunca achei que poderia ser tão bom.
  - Ruben... eu sussurrei de volta por entre os lábios dele.

- Eu sempre te amei. ele falou, novamente me calando com mais um beijo. – Me deixa ir com você
- Você sabe que eu não posso respondi, criando forças para me separar dele. - Eu não sei pra onde vou, o que existe fora daqui, seria muito arriscado para você vir comigo.
- E o que eu vou fazer aqui sem você? ele perguntou e vi a tristeza em seu rosto.
- Mude as coisas, garanta que ninguém mais corra o risco que eu estou correndo. disse porque não sabia mais o que dizer, tudo o que eu queria era ficar ali com ele para sempre, mas isso não iria mudar nada, eu precisava sair dali, descobrir se existia alguém igual a mim, descobrir o que existia.
- Eu sei que você tem razão, e não gosto disso. ele falou se levantando e indo se apoiar em uma das janelas.
- Eu também não gosto. falei ainda sentada, minhas coisas estavam ao lado da porta, e eu sabia que precisava ir antes do sol se pôr.
- Carolyn, como é enxergar? ele perguntou e eu tentei gravar como o cabelo dele balançava com o toque do vento.
- É igual a ouvir ou tocar, só que com os olhos. falei, sabendo que aquela era uma péssima explicação. Eu me levantei e me aproximei dele, o puxando para um abraço. E, sabe, eu também te amo. falei com a minha cabeça no peito dele.
- Eu sei disso também. ele disse sorrindo de lado, eu adorava os sorrisos dele.

E aquele momento ali significava o fim de tudo o que eu conhecia, era o adeus para meu pai, o adeus para minha casa e o futuro que eu achei que teria, o adeus para tudo o que eu e Ruben poderíamos ser, e que de certa forma já éramos.

Eu sabia que teria que voltar para a casa do Conselho e pegar aquela gravação, eu sabia que teria que viajar sozinha por dias sem saber o que iria encontrar e eu sabia que nunca esqueceria a imagem do meu pai sem vida. Eu não tinha dúvidas que ele era o responsável por informar nossa localização aos outros, era o tipo de coisa que ele faria por mim, para que eu tivesse uma chance que eu não teria aqui.

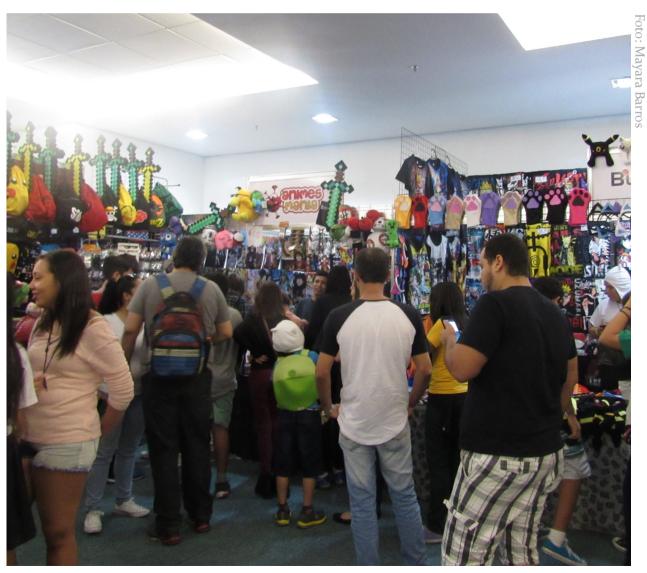
Eu tinha enxergado minha vida inteira, mas só agora via com clareza.

Então eu me permiti me perder naquele abraço um pouco mais.



terceira edição do ExpoGeek Brasil aconteceu nos dias 18 e 19 de junho para comemorar tanto o aniversário de 1 ano do evento e os 30 anos da estréia japonesa de Os Cavaleiros do Zodíaco. Com um público aproximado de 15 mil visitantes nos dois dias, foi uma festa da cultura geek com direito a sala multijogos (jogos de tabuleiro, RPG e card games), sala de videogames, sala Kpop, além das palestras e shows que aconteceram no Auditório Geek e no palco.

As principais atrações foram os dubladores Hermes Baroli, Leticia Quinto, Luiz Antonio Lobue, dubladores de Os Cavaleiros do Zodíaco: Charles Emmanuel e Sergio Stern, dubladores de Apenas um Show; Yago Machado e Eduardo Drummond, dubladores de O Incrível Mundo de Gumball, e os youtubers Malena, T3ddy, Satty, Lucas Lira, entre outros. O palco também recebeu os shows das bandas ObSexion, Cavaleiros do Zodíaco: In



Estandes lotados na terceira edição do EXG

Concert, e Patrícia Fagundes. O Auditório Geek recebeu palestras da NewPop e da JBC; da OLZ, sobre desenvolvimento de aplicativos; do Irmão do Jorel; e da Darkside Books, sobre o panorama do terror no entretenimento nacional.

Como sempre, evento geek tem que ter concurso cosplay e o ExpoGeek não é diferente. O Geek Cosplay Show premiou as categorias de cosplay solo, grupo e infantil. Também teve Grand Prix Kpop Cover, para os amantes de Kpop apreciarem o trabalho duro que os grupos colocaram em suas coreografias.

Apesar do sucesso do evento, alguns dos visitantes reclamaram sobre a maneira que o palco foi organizado: como não havia um espaço reservado para a imprensa, os fotógrafos dividiram o espaço com os jurados durante o concurso cosplay, atrapalhando a visão do público. Fora isso, o evento foi uma ótima oportunidade para os fãs se divertirem fazendo o que mais gostam - interagindo com o objeto de sua admiração.

Mayara Barros may@revistavessa.com



Premiação do concurso cosplay categoria infantil

# Geek Cosplay Show



Pantera Negra Capitão América: Guerra Civil



**Bela** Bela e a Fera



**Arlequina** Esquadrão Suicida

## Despreocupação em Doses

Eles construíram tudo para ser perfeito. Perfeito! Mas... Eu não sei. Algo sempre soa estranho, não é?

"Volte a olhar para mim. Está tudo como deve ser, pare de pensar demais, logo será a hora de seu remédio"

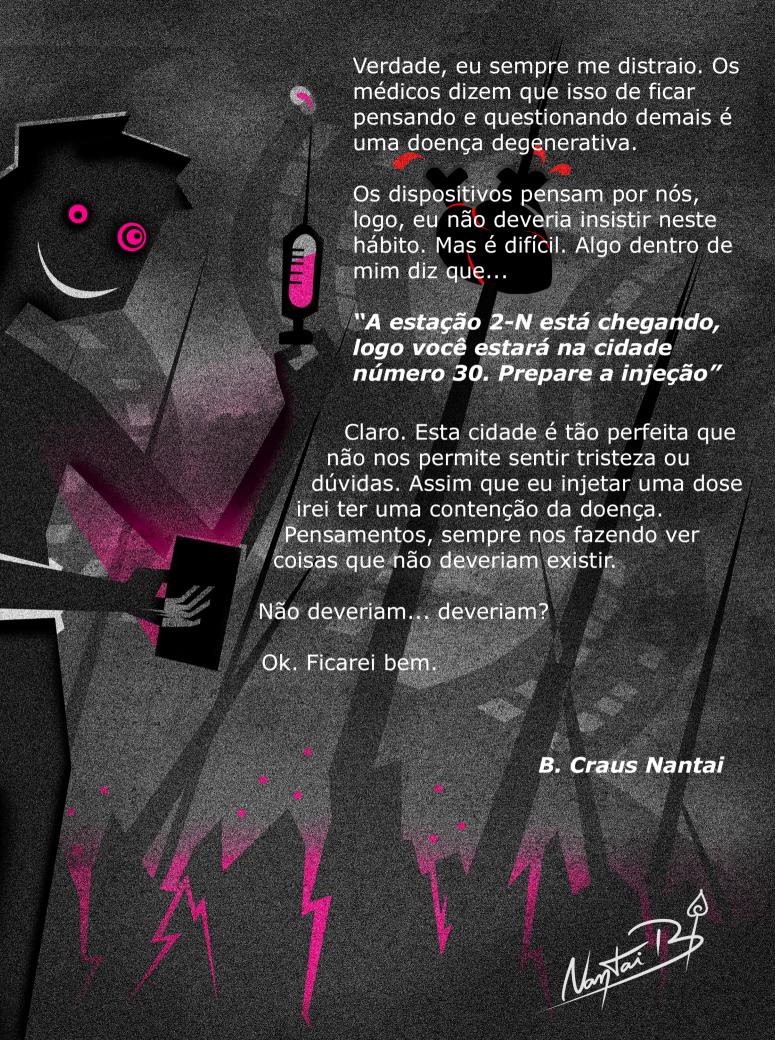
Ah, sim. Meu dispositivo móvel está ligado a meu cérebro, e conversa comigo.

Quando me sinto entediado, ele me relembra tudo o que há de perfeito neste lugar. Escolas que nos ensinam sobre o governo impecável, pílulas nutricionais que fazem com que não precisemos mais daquelas pedras ósseas em nossas bocas, filmes explicando como devemos nos portar - acho algumas coisas estranhas, mas não tenho como questionar, já que é perfeito -, documentários que mostram o passado, contando como eram terríveis aquelas coisas verdes que cresciam na beira de nossas estradas sujando as calçadas com dejetos orgânicos chamados "folhas".

Nunca vi uma daquelas, mas há uma lenda correndo entre más bocas de que elas purificavam o ambiente. Que absurdo! Onde já se viu o ar ser purificado por algo além do nosso D.I.N.?

"Seu cérebro parece disperso. Concentre-se em mim novamente."







# Voltando para Hogwarts

fãs de Harry Potter se reúnem no Rio de Janeiro



tarde do dia 18 de junho foi emocionante para os fãs de Harry Potter. Os aficionados pela saga do personagem criado por J.K. Rowling se reuniram, em diversas cidades brasileiras, para celebrar o que 2016 está trazendo de volta: o livro ilustrado de "Harry Potter e a Pedra Filosofal"; a peça "Harry Potter and the Cursed Child", que continuará a trama do mundo bruxo depois do epílogo de "Harry Potter e as Relíquias da Morte" nos palcos londrinos e cujo roteiro será adaptado para livro; e o filme "Animais Fantásticos e Onde Habitam", que expandirá a história do autor de um livro didático usado em Hogwarts.

A Revista Avessa esteve presente no Encontro de fãs de Harry Potter do Rio de Janeiro, que aconteceu na livraria Saraiva do Rio Sul e foi organizada pela Editora Rocco, em parceria com a Saraiva, que queria fazer lançamento nacional da edição ilustrada de "Harry Potter e a Pedra Filosofal". A mediação ficou por conta da jornalista Frini Georgakopoulos, curadora do Clube do Livro Saraiva, colunista literária da Rádio Roquette Pinto e responsável pelo blog Cheiro de Livro.

Frini, que já tem no currículo inúmeros eventos literários e de Harry Potter, contou como foi retornar às origens: "Foi um evento muito especial, porque voltei às minhas raízes. Há 13 anos, comecei na minha estrada de eventos literários, quando ninguém fazia isso e as editoras

tinham dificuldade em entender a razão de se fazer um evento literário em uma livraria se o autor não estaria presente. Há 13 anos, teríamos evento no Rio e em São Paulo e provavelmente só. Mas em 2016, vimos fãs de todas as regiões do Brasil lotarem livrarias e não poderia estar mais feliz com o resultado".

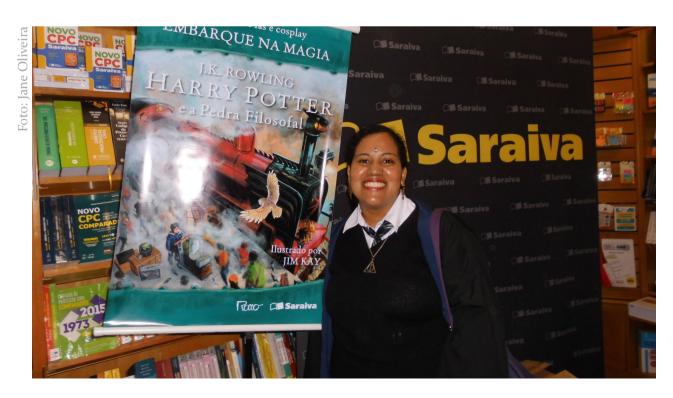
Embora a jornalista apresente eventos literários mensalmente, o último totalmente voltado para Harry Potter que ela apresentou foi há quase cinco anos, em 31 de julho de 2011, depois do lançamento do oitavo filme da saga do bruxinho. "Voltar a falar sobre Harry é sempre bom, mas gera uma tensão de 'mas já falamos tudo!". A verdade é que alguns temas precisam sempre ser revisitados e nunca será suficiente", afirma Frini.

Só que falar sobre Harry Potter não é somente relembrar pontos importantes da história. É retornar ao que nos faz bem ao ler os livros e assistir aos filmes. E Frini faz isso muito bem. Ela relembra: "No lançamento da edição ilustrada de 'Harry Potter e a Pedra Filosofal', falamos muito sobre a importância de Harry Potter para o mercado editorial e como a saga de um menino se tornou ponto de apoio para tantas pessoas. Relembramos como era o fandom na época dos lançamentos dos livros e como será possível sentir um pouco disso agora, com o lançamento de 'Harry Potter and the Cursed Child'. Abordamos temas como depressão, medo de se tornar quem não queremos, sacrifício e amor incondicional, todos presentes na escrita de Jo Rowling". Para quem não sabe, fandom se refere à comunidade de fãs de um determinado assunto, no caso, Harry Potter.

Segundo a mediadora, "Harry Potter abriu a porta não somente para a leitura, mas para muita gente se aceitar e respeitar os outros e a si. Essa porta não fecha mais e é muito bonito ver que, depois de mais de 10 anos, novos rostos no meio dos mais 'experientes'. Harry Potter realmente é para sempre e ver isso de novo, em uma livraria, como tudo começou, foi como voltar para Hogwarts. Foi como voltar para casa".

Muitas pessoas que já frequentam o Clube do Livro Saraiva há muitos anos e eventualmente estão presentes em eventos sobre Harry Potter, marcaram presença no encontro do penúltimo sábado de junho. Uma delas foi a jornalista Misséia Rodrigues. A jovem de 26 anos afirma que os livros de J.K. Rowling sempre foram importantes em sua vida e, por isso, ir a eventos de Harry Potter sempre é um prazer. "Sendo um evento mediado pela Frini, melhor ainda...". Mas este não foi seu retorno a Harry Potter este ano. "Há poucos meses, fui a um evento mediado pelo Potterish, foi um evento que aconteceu em diversas cidades e tal...", comenta.

A professora Jane Oliveira foi outra leitora, aficionada por Harry Potter e frequentadora do Clube do Livro, que esteve presente no evento. "Eu acho curioso quando me perguntam sobre como é retornar ao mundo de Harry Potter, porque, para mim, nunca saí dele. Até hoje olho para o Morro da Urca com os mesmos olhos encantados de quando estava prestes a embarcar no bondinho para ir à



Premiére do último filme, como se tivesse sido no dia anterior... Porém, o evento na Saraiva teve, sem dúvida, um sabor especial", conta a moça de 34 anos para a Revista Avessa. "Desta vez foi um enorme reencontro, revi amigos de vários pontos do fandom que eu não via assim, juntos em torno de Harry Potter, há muito tempo. Foi muito emocionante ver novamente a querida Frini Georgakopoulos liderando um evento Potterhead, ver a galera de cosplay, conversar apaixonadamente sobre uma saga que 'terminou' faz tempo, mas que sempre rende muita conversa, discussão, defesa apaixonada de nossos personagens favoritos".

Jane foi uma dos muitos fãs que tiraram seu cosplay do armário para mostrar sua paixão pela saga do bruxinho: "Usei mais uma vez meu cosplay da Corvinal (Ravenclaw, no original), porque simplesmente não ouso desperdiçar a oportunidade de usá-lo. Sinto-me ainda mais imersa na magia da obra quando uso a roupa. Então, quando soube que haveria o evento, nem sequer cogitei não usá-lo. Se algum dia só tiver um cosplayer no evento, provavelmente serei eu (risos)".

A professora também já tinha estado em outro encontro de fãs de Harry Potter este ano. Ela participou do The Magic Express Convention, que aconteceu em maio deste ano, e se emocionou: "Sempre que há algum evento, mesmo que a proposta seja apenas um encontro entre fãs, para conversar, eu procuro participar". Sobre o Encontro do dia 18 de junho, concluiu: "Saí do evento muito feliz e com um sentimento de gratidão, por ter tido a oportunidade de ver que não estou sozinha na minha enorme paixão por Harry Potter. O

fandom está vivo, feliz e vibrante como nunca. Ou melhor, como sempre!"

Mas o Encontro de fãs de Harry Potter do Rio de Janeiro não contou somente com caras conhecidas e "veteranas" não. Liz Santos, de 13 anos, foi uma das que compareceu. A estudante diz gostar de Harry Potter desde de que se entende por gente. "Já fui a alguns eventos antes, mas nenhum como esse que teve no Shopping Rio Sul, porque lá consegui ter uma experiência que nunca pensei em ter vivido. Foi bem emocionante. Acho que lá consegui entender mais sobre a saga, criar mais teorias sobre os personagens. Além disso, foi legal ver muitas pessoas de cosplay, reencontrei algumas delas, como o menino que se veste de Harry Potter". Liz ainda comenta ter gostado muito de conhecer a mediadora Frini Georgakopoulos, afinal, as duas são da Casa Sonserina.

Além do debate sobre os novos lançamentos da saga, o evento ainda contou com sorteio de brindes e uma apresentação musical, que consistia em um fã pertencente a cada Casa declamar ou cantar o Hino de Hogwarts, para concorrer a um prêmio. Enquanto algumas pessoas arrasaram na poesia, outras resolveram fazer paródias de "We Will Rock You" e uma música do rapper Eminem, com a ajuda do público ali presente.

O evento acabou, mas o ano de Harry Potter continua. A edição ilustrada de "Harry Potter e a Pedra Filosofal" já está nas livrarias. A peça "Harry Potter and the Cursed Child" está sendo exibida em "previews" para testar a reação do público e tem estreia oficial no dia 30 de julho. Já sua versão em roteiro será lançada em livro no dia 31 de julho e chegará traduzi-



da ao Brasil em outubro pela Rocco. Enquanto isso, "Animais Fantásticos e Onde Habitam" tem estreia marcada nos cinemas em 17 de novembro.

#### 2016 é o ano de Harry Potter

Quem esteve presente no Encontro também comentou o que espera do que vem por aí:

"Esse é um ano Potter mesmo! Estou muito empolgada sobre a adaptação cinematográfica de 'Animais Fantásticos e Onde Habitam', pois não é só uma adaptação, mas algo completamente novo! O livro é fininho e é de referência, sem con-

tar realmente uma história com começo, meio e fim. Então o filme vai explorar algo novo que, pela primeira vez, poderemos assistir sem comparar com o livro. E isso vai ser muito legal! Pelo que vi de trailers e pôsteres, o filme está bárbaro e vai arrancar lágrimas e gargalhadas de todos nós. Já 'Cursed Child' é uma caixinha de surpresas. Estou maluca para saber sobre a história e sobre o que Rowling vai nos trazer de informação, mas não quero ler spoilers. Pena não poder assistir a peça, mas já ler será incrível! Mal posso esperar pelo final de julho, quando será lançado o roteiro da peça. Aqui no Brasil deve chegar pela Rocco em outubro", comentou

Frini.

Já Misséia tem uma opinião diferente: "Tenho que confessar que ainda não me animei com a estreia de 'Animais Fantásticos', acho que pelo fato de não querer criar expectativas antes do tempo. Também já li alguns spoilers de 'Harry Potter and the Cursed Child' e, se o que descobri for verdade, ficarei um pouco decepcionada". Apesar disso, a jornalista gostou muito do livro ilustrado de "Harry Potter e a Pedra Filosofal": "Ele é lindo, estou ansiosa para ver logo a edição de 'Prisioneiro

de Azkaban', por ser meu livro favorito".

Liz também demonstrou uma empolgação contagiante. Sobre a volta de Harry Potter, ela afirma: "É incrível! Nunca fiquei tão feliz na minha vida toda. Juro que quando soube, tremi de nervoso". Pedimos para a jovem esclarecer e ela disse: "Eu estava lendo uma fanfic no notebook quando minha amiga me chama no chat para me dar essa notícia [da peça]. Fui loucamente procurar no Google, em vários sites... e nem precisa perguntar, claro que vou ler o roteiro de 'Cursed Child'".

Vitória Pratini vitoriapratini@gmail.com

## Sonne: os devoradores

Despertei pré-programada
Na sala da Dispositivo Brain
Pincelando em faíscas as
Têmporas completamente exploradas
No auge de 2045, virei devoradora
Escutei histórias de fartura,
Na infância já devastada
Excesso de comida, água?
Nada disso fazia parte
Da existência de todos

Minha vila Sonne foi destruída
Explosões, violência, roubo,
Seca, caos e carnificina
Oficina de matança
Eu estava na fábrica do controle
Me tornaria uma invasora de vísceras
Era assim, desde o fim da vila, da cidade caída
Não sobrara nada, além de poucos habitantes
Estes serviam para o nosso (alimento)
Usina dos cérebros, impulsos contagiantes
Em meros canibais, para o nosso suprimento

Prendiam-nos naquele galpão
O Gigante Cérebro
Nos assistia
Se entretinha
Entregava-nos ao cão
O Terrível Cérebro
Nos engolia
Se divertia

Precisávamos sair pelas ruas Com a bocarra pronta Para comer a carne Eles tinham que evitar os becos Nossa língua ansiosa Para salivar com a carne

Seríamos os últimos da espécie
Manipulados pelos botões
Sem nos privar do instinto
Fome? Até quando?
E quando não houver moradores andando
No silêncio
O que poderemos abocanhar?
Onde espreitaremos para caçar?

O meu estômago roncou Vejo aquela criança pela tela Desprevenida no asfalto O meu estômago acordou Sinto o escarlate na minha boca Lambuzada no asfalto.

Morphine Epiphany souavenger69@gmail.com

Cristiane Vieira de Farias, ou Morphine Epiphany, nasceu em 1987, na cidade de São Paulo. Formada em Produção de Música Eletrônica. Possui textos publicados em revistas, antologias e coletâneas. Seu livro de poesias *Distorções* será lançado em 2016.

## Humanidade

Há uma guerra silenciosa pairando sobre todos nós, vivemos em um período pós-apocalíptico que ninguém acredita estar. Crianças e adolescentes nasceram nessa realidade, os adultos pouco se lembram de outros tempos e os idosos sonham com o dia em que tudo voltará a ser o que era.

Nossos livros de história são manipulados, a verdade está escondida atrás de linhas e linhas de mentiras disfarçadas. O capitalismo foi mais forte e tomou conta de todos nós, vivemos e respiramos por ele. Qualquer contato com o mundo antigo será punido.

Minha bisavó deixou uma herança para seus familiares, ela deixou seu conhecimento antes de ser colocada em uma urna comunitária. Ela nos contou sobre um mundo diferente, disse que havia algo chamado Europa, Oriente Médio e Ásia; disse que antigamente existiam as grandes potências mundiais, porém por conta de uma guerra tudo foi destruído. Bombas nucleares tornaram esses lugares inabitáveis e há rumores de que monstros deformados habitam o que antes eram cidades maravilhosas.

Muitas vidas foram perdidas durante essa guerra e nada de bom veio dela. Hoje temos somente três continentes habitáveis: América, Oceania e Antártida. A única potência mundial que nos restou foi os EUA que, por falta de matéria prima e mão-de-obra qualificada, passou a explorar os países subdesenvolvidos. Os comandantes de cada nação passaram a utilizar seus trabalhadores como escravos e assim lutaram para se tornarem potências, porém isso só fez com que a população se tornasse mais fria e pobre de espírito.

Hoje vivemos em algo desumano, famílias não existem mais como antigamente e as relações sociais entre pessoas é mínima. Homens e mulheres têm filhos através de fertilização em vitro onde muitas vezes nunca realmente conheceram seus "pares". Vivemos individualmente a partir dos dezesseis anos e somos tratados como máquinas, temos nossos trabalhos designados a partir do momento que cumprimos uma semana de gestação na barriga de nossas mães.

Tenho quinze anos e minha mãe me contou sobre este ou-

tro mundo que existira há muito tempo. Estou prestes a completar dezesseis e a me tornar uma futura contadora, odeio números. Já disse para ela que não quero que este seja meu futuro e ela sempre me responde com um dar de ombros. Vivemos só nós duas, nunca conheci meu pai já que eles foram combinados ao acaso para procriação. Este foi o método que o governo encontrou de controlar a taxa de natalidade que antes era instável.

HU-MA-NI-DA-DE, qualidade de ser sensível ou benévolo. Essa palavra foi riscada do dicionário para sempre. Não temos outra opção a não ser servir o governo. Estou temendo pelo meu futuro, não quero ter um filho futuramente para servir algo que eu não acredito.

...

Hoje é o meu último dia de "liberdade", fui obrigada pela minha mãe a me vestir socialmente. Usava uma saia tubinho preta, uma camisa branca social e um blazer também preto; meus cabelos castanhos estavam presos em um coque e minha maquiagem era leve. De acordo com a minha mãe, eu estava parecendo uma executiva, algo que eu nunca seria se o governo não aprovasse uma promoção.

Caminhei pelas ruas da Grande São Paulo procurando pelo prédio ao qual eu deveria me apresentar para começar meu estágio, lá mesmo eu aprenderia o que uma contadora deveria fazer. As próprias empresas tornaram-se o que antes chamávamos de faculdades, isso facilitava nossas qualificações.

Encarei o mapa que carregava em minhas mãos, disseram-me que antigamente celulares e computadores eram permitidos nas casas e as pessoas possuíam um site que mostrava ruas como os mapas de papel. Esses meios de comunicações tecnológicos foram proibidos, o governo disse que eram ferramentas que semeavam o ódio e que era impossível de controlar as massas caso ainda tivéssemos acesso. Somente os mais ricos os possuem para o lazer.

As pessoas caminhavam na rua como zumbis. A socialização não foi proibida, porém fizeram com que acreditássemos que estaríamos melhor sem ela, sem distrações e emoções que pudessem gerar ódio. Ter amigos era um luxo ao qual nenhum de nós tínhamos o direito.

Eu estava completamente perdida no meio daquele caos de pessoas fantoches, não poderia pedir ajuda para ninguém, eles nem se dariam ao trabalho de me notar. Talvez acreditassem que eu era louca.

Cobri meu rosto com o mapa que eu tanto tentava entender, mas um barulho estranho chamou a minha atenção. Olhei ao meu redor no meio do mar de pessoas e prédios, caminhei em direção a esse som tão distinto e novo. Ele estava cada vez mais alto e parecia vir do chão. O barulho dos meus saltos contra o asfalto me incomodava, eu os tirei e olhei para o que estava diante de mim.

Era uma criança encolhida com os joelhos contra o peito, seus cabelos eram ruivos e enrolados, o som estava vindo daquele pequeno ser. Eu nunca havia visto uma criança de perto, elas geralmente ficavam trancadas em casa com os pais ou em suas salas de aula particulares, não havia nenhum tipo de contato com outras pessoas.

- Com licença, você está bem? toquei em seu pequeno ombro com receio, não faço a mínima ideia de como interagir com outra pessoa que não seja minha mãe.
- Não sei a criança levantou a cabeça e pude notar que era um menino de mais ou menos sete anos. Seus olhos castanhos estavam vermelhos e suas sardinhas deixavam o seu rosto mais vermelho ainda. Ele tinha o formato do rosto diferente, se não me engano era algo chamado Síndrome de Down. Pessoas com algum tipo de síndrome ou portadores de necessidades especiais são raras, somos escolhidos para nascermos perfeitos ou pelo menos beirando a perfeição.
- Por que você está fazendo esse som? eu me ajoelhei diante dele, os outros nem pareciam notar a nossa presença, mas eu sentia que precisava fazer algo.
- Minha mãe me abandonou e essa água começou a sair de meus olhos, acho que os antigos chamavam isso de chorar eu arregalei os olhos ao descobrir um verbo novo, emoções eram coisas que nós também não conhecíamos muito bem, tudo é muito confuso nos tempos atuais. Ela disse que eu estou fora do sistema e que não fui programado, ela se cansou de cuidar de mim e me deixou abri a boca surpresa. Já tinha ouvido falar de crianças assim, mas nunca havia conhecido uma, são filhos de pessoas que quebraram a lei e se relacionaram gerando uma criança.
- Ela te deixou sozinho aqui? Com quem você vai morar? Quem vai te criar? O que você será quando crescer? ele vai acabar morrendo se ninguém o guiar! Espera, então isso é uma

#### conversa?!

— Não sei — ele fungou com os olhos pesados — Estou perdido — mais água começou a cair de seus olhos e eu comecei a sentir uma coisa estranha, era como se estivessem apertando o meu coração e partindo-o em pedaços pequenos. Uma gota de água escorreu pelos meus olhos, eu estava chorando.

Então era isso? Quem estava contra o governo simplesmente morria por estar fora do sistema? Que tipo de vida é essa em que o Estado preza pela paz, mas as pessoas morrem se não os obedecem?! Ele é só uma miniatura de um humano, não tem como sobreviver sozinho e seus olhos... nunca havia visto olhos tão deprimentes como aqueles.

Encarei meu relógio, dane-se essa vida de contadora! Já cansei de dizerem o que eu devo ser ou fazer desde quando nasci. Viver em um mundo onde um ser inocente morrerá por ser diferente não é viver, não quero fazer parte de algo tão vil.

- Não se preocupe, vamos dar um jeito nisso! meus lábios se abriram e eu mostrei meus dentes para ele, acho que isso se chama sorriso. Ele me encarou com um brilho diferente no olhar, acho que era a tal da esperança.
- Você tem uma voz muito bonita ele esticou a mão me procurando e eu segurei a sua, senti uma coisa diferente dentro de mim, mais algumas gotas escorreram de meus olhos. Meu nome é Levi, tenho oito anos.
- Eu sou Adélia e prometo que vou te ajudar acariciei o seu rosto e ele fechou os olhos fazendo com que duas últimas gotas salgadas percorressem um pequeno caminho por seu rosto.

Andamos de mãos dadas entre os paredões cinzas de concreto, algumas pessoas notavam nossa presença e nos encaravam aterrorizados, outros nem faziam menção. Éramos duas criaturas invisíveis no meio de um mundaréu de zumbis humanos, dois pontinhos iluminados na escuridão.

Levei Levi para comer algo, nenhum restaurante quis servilo por estar fora do sistema, mas isso não era sua culpa. Acabei comprando cachorros-quentes e refrigerantes em uma máquina da rua, fomos caminhando até um parque que só era usado para eventos de preservação à natureza. Ele admirava tudo com um olhar tão diferente.

Sentei sentindo um leve pinicar da grama, Levi tocava o chão com as mãos e gargalhava conforme as folhas lhe faziam

cócegas. Franzi a testa sem entender muito bem o que ele estava sentindo, era só grama... Seus olhos brilhavam impressionados e sua risada gostosa me contagiava, ela parecia ser capaz de acender algo dentro de mim que eu jamais havia sentindo, eu estava... feliz?

- Toma, para você! ele parou diante de mim e me entregou uma flor amarela. Aquele gesto era tão simples, singelo, mas parecia significar tanto. Ele tinha tudo o que a nossa sociedade havia perdido com o tempo.
- Muito obrigada, aqui está o seu cachorro-quente estendi o lanche para ele que negou com a cabeça. Qual o problema? franzi a testa confusa, ele não está com fome? Ele precisa comer algo!
- Você está usando a flor errada ele a pegou das minhas mãos e a colocou no meu cabelo Muito melhor! eu abri um sorriso enorme, por que é que as pessoas pararam de interagir umas com as outras?
- Obrigada, estou bem mais bonita assim! ele sorriu e eu pude notar uma janelinha na parte de baixo de seus dentes, eu estava com uma vontade enorme de morder suas bochechas gordinhas!

Nós dois comemos nosso lanche, eu o encarava fascinada. Viver em seu mundo era tão novo, tantas sensações, tantas coisas para se ver e tocar. Ele se levantou e começou a girar olhando para o céu.

— Vem, Adélia! — ele me chamou com a mão e eu não pude negar.

Giramos e giramos vendo o branco e o azul se tornarem um só, caímos no chão dando gargalhadas de tão tontos que estávamos. O vento suave acariciava nossos rostos enquanto o sol nos mantinha aquecidos, Levi continuava gargalhando sem parar e eu o encarava admirada, quisera eu ter sido assim quando criança.

- Do que são feitas as nuvens? ele perguntou para mim e eu franzi a testa.
- São formadas por água que evaporou e quando chegam a certa parte da atmosfera se condensam, viram gotículas de água ou gelo dependendo da temperatura respondi como se fosse óbvio, ele franziu a testa e voltou a encarar o céu.
- Eu acho que são feitas de algodão eu abri o sorriso com a sua simplicidade, acho que essa é a melhor resposta para

a pergunta que ele havia feito. — Como aqueles usados para limpar feridas, mas por que o céu precisa de algodão? — ele voltou o seu olhar para mim e eu sorri.

- Talvez ele tenha tido muitas aventuras ao redor do mundo e precisa curar alguns dodóis que ele fez enquanto brincava.
- Você tem razão! O céu deve ser muito feliz! ele sorriu animado Olha, aquela nuvem parece um dinossauro! semicerrei os olhos tentando enxergar o que ele via, mas eu não conseguia Ali, a cabeça, os braços... não está vendo? apertei mais os olhos fazendo força para imaginar, até que eu vi. Era mesmo um dinossauro!
  - Aquela ali se parece uma maçã! apontei e ele riu.
- Não é uma maçã, é um coração! eu abri a boca e assenti concordando com ele.

Tudo em seu mundo parecia ser mais mágico do que qualquer outra coisa que fosse parte da realidade. Então era assim que as pessoas aproveitavam no passado? Eu estava aprendendo tantas coisas novas, coisas maravilhosas que o mundo havia perdido.

Levi se cansou de olhar para as nuvens e resolveu correr por entre as árvores do parque, fiquei sentada esperando por ele. Eu precisava de um tempo para refletir tudo o que estava acontecendo, será que só eu me sentia injustiçada com esse mundo em que vivemos? É normal chegar aos dezesseis anos e querer rejeitar tudo aquilo que lhe foi ensinado desde o princípio dos tempos?

- Adélia, olha o que eu achei! ele se aproximou correndo e se sentou ao meu lado no banco de madeira.
- O que é isso? apontei para a sua mão fechada em formato de concha.
- Olha só! ele a abriu com cuidado e havia uma borboleta aparentemente morta em suas mãos.
- É uma borboleta, está morta ele negou com a cabeça e eu franzi a testa, fomos ensinados a matar insetos e a desprezar qualquer tipo de peste, eles nos traziam doenças. Jogue fora, Levi ele negou com a cabeça novamente.
- Olhe melhor ele aproximou suas mãos do meu rosto, eu já ia me afastar até que ela começou a bater suas pequenas asas cor-de-mel.
  - Está viva! arregalei os olhos assustada.

A borboleta voou ao redor de sua cabeça e ele começou a

segui-la, fui atrás dele temendo pelo pior. A borboleta rodopiava a sua frente e ele tentava pegá-la dando gargalhadas, o sol começou a se pôr e um clima reconfortante nos envolvia. Naquele momento eu percebi o quanto ele via a beleza em coisas que a sociedade desprezava.

Aquele inseto que antes era asqueroso parecia brincar com Levi, ele gargalhava como se fosse o melhor brinquedo do mundo. Naquele momento ele era a criança mais rica do mundo, rica em espírito. Ele não precisava de dinheiro ou qualquer outra coisa material, ele só precisava ser a criança que era, tocar, sentir...

A borboleta pousou em seu nariz e ele ficou vesgo para encará-la, eu gargalhei ao ver o seu rostinho tão lindo se iluminar. Essa criança de oito anos tem muito mais vida dentro dele do que qualquer outra pessoa que eu já tenha conhecido.

• • •

— Adélia! Você ficou maluca?! Não foi à entrevista de emprego e ainda me traz uma criança fora do sistema para casa?
— minha mãe começou a gritar comigo, eu nunca tinha visto ela ficar tão nervosa como estava agora.

Levi estava sentado encolhido na poltrona da sala, ele estava com medo do que aconteceria a seguir. Minha mãe o deixava inseguro e trazia memórias de seu abandono.

- Você nunca me entendeu! Eu não quero fazer parte desse sistema, há todo um mundo lá fora para ser explorado, sensações, cheiros, paisagens e sentimentos! Humanidade, é isso que falta para nós! ela se sentou no sofá da sala me encarando com pesar. Eu vou ajudar o Levi custe o que custar, vou sair de casa e encontrar um lugar melhor, você não pode me impedir!
- Eu temi tanto por esse dia ela negou com a cabeça já sabendo que não poderia me fazer mudar de ideia. Há um grupo de pessoas fora do sistema, pessoas como você. Eles querem a paz do mundo através do contato e de sentimentos, eu posso levar vocês dois para onde eles estão, mas você deve me prometer que depois de achar uma boa família para o garoto, você vai voltar para casa e seguir seu caminho. Ou você ou ele, minha filha minhas mãos tremiam e eu não sabia o que fazer. Ela estava séria e determinada ao mesmo tempo, não acredito que eu tenho que escolher uma coisa dessas. Por que eu tam-

bém não posso ser livre como ele?

- Mas... ela me interrompeu.
- Viver fora do sistema é complicado, não quero que passe por nenhuma dificuldade, é muito arriscado. Filha, você não tem noção da loucura que é lá fora sem a assistência do governo, as pessoas vivem miseravelmente, não há recursos. Eles vivem como o início dos tempos, não quero que você sofra...
- Como você sabe tanto sobre isso? ela respirou fundo com um olhar distante.
- Eu era uma dessas pessoas, mas quando engravidei eu mudei de ideia. Era uma vida muito miserável e você não teria chance alguma. Não conseguiríamos sobreviver com o pouco que tínhamos, seu pai não concordou, disse que conseguiríamos, mas no primeiro ano de sua vida nós quase morremos de fome. Decidi voltar para o sistema e aqui estamos. Decidi voltar para que você pudesse ter uma vida digna ou quase isso naquele momento eu pude ver algo que eu nunca havia notado antes, era amor. Minha mãe me amava e queria que eu vivesse bem, era um sentimento forte que eu nunca havia notado antes. Ela havia se sacrificado tanto para me dar uma vida que ela acreditava ser melhor.

Mesmo dentro desse mundo frio e calculista, ainda havia rastros do que a sociedade havia sentido há anos. Éramos acima de tudo humanos e tínhamos essa humanidade a ser desperta vivendo dentro de nós.

— Tudo bem — eu assenti e Levi veio correndo me abraçar, meu primeiro abraço... ele sorria e aquele sorriso banguela aquecia o meu coração. Estou preparada!

• • •

Anos se passaram desde que deixei Levi nos braços de um grupo fora do sistema. Vivi a vida como me disseram, mas eu fui capaz de ver mais e sentir mais. Quando completei vinte e oito anos uma rebelião foi iniciada, as pessoas fora do sistema finalmente juntaram a força necessária para mostrar a humanidade ao mundo. Eram grupos grandes espalhados por todos os países.

Eles iniciaram discursos e se colocaram contra o governo, a cada dia que passava mais e mais pessoas se juntavam a eles. Levi era um dos representantes, seu rosto estava estampado em cada jornal ou meio de comunicação público. Os telões das empresas mostravam seu nome e pelo o que ele lutava.

Conseguia ver em cada pôster, em cada imagem sua, aquele olhar sonhador do menino que eu conheci há muito tempo atrás. Ainda temos um longo caminho para percorrer, mas as mudanças e as adaptações são o que fazem de nós os seres mais evoluídos, é o que fazem de nós seres humanos e acima de tudo são os sentimentos e a paixão que trazem a humanidade.

**Ayumi Teruya** 

pamelayumi7@hotmail.com

Nascida na Grande São Paulo em 1997, começou a escrever aos sete anos de idade e não parou mais. Autora do livro *E* quem disse que eu sou normal? e blogueira no site Pandinando. Encontrou na escrita uma forma de se expressar, descobriu que o papel e a caneta possuem o poder de criar novos mundos e derreter corações.



Gosta de escrever e gostaria de ser um autor publicado? Conhece alguém que se encaixa nessa descrição?

#### Sobre a Revista

É uma revista digital de jornalismo literário que abre espaço para escritores iniciantes divulgarem seus trabalhos e entrarem em contato com o mercado literário, que é representado pelas grandes editoras, além de crescerem em sua arte.

#### A escolha dos textos

Cada edição será construída em cima de um tema. Os textos a serem publicados serão escolhidos pelo Conselho Editorial, com base nas regras indicadas no edital publicado no site.

#### Onde nos encontrar

Site: www.revistavessa.com

Facebook: /revistavessa twitter: @RevistaAvessa

tumblr: www.revistavessa.tumblr.com